

“Possibilidades Econômicas para Nossos Netos”: por que ainda trabalhamos tanto?

Mariana R. Maria¹, Paulo Sérgio Fracalanza²

1. Estudante de Pós-graduação do Instituto de Economia - IE; *marireis_maria@hotmail.com

2. Pesquisador do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia - NEIT/Unicamp

Pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho - CESIT/Unicamp

Coordenador Geral da Pós-Graduação do Instituto de Economia da Unicamp

Palavras Chave: *Keynes, jornada de trabalho, consumo*

Introdução

Em 1930, o economista John Maynard Keynes redigiu um dos mais instigantes textos do século XX, no instável período do entre guerras, em que apresentava uma visão otimista sobre o futuro. Nesse texto, *Possibilidades Econômicas para Nossos Netos*¹, Keynes previa que em cem anos o ser humano finalmente seria libertado do seu mais primitivo problema econômico: o fardo do trabalho na luta pela subsistência. Com uma jornada de trabalho de 3 a 4 horas semanais e mediante a superação das “necessidades absolutas”, o homem redirecionaria seu tempo para atividades não-pecuniárias. Isso, mediante algumas condições como o fim de conflitos mundiais e do infundado “amor ao dinheiro”. Todavia, as previsões de Keynes não foram alcançadas e estamos longe de presenciar uma sociedade que tenha superado o “amor ao dinheiro”. Com o objetivo de entender o porquê disso e também de estimular o debate acerca de uma questão que já assumiu o palco de debates econômicos e sociais, esse trabalho buscou remontar o raciocínio do economista através de um estudo bibliográfico, comparação com alguns estudiosos que também trataram do tema (Bertrand Russell e Paul Lafargue)², e um estudo do histórico da jornada de trabalho nos EUA, com a obra de Juliet Schor³ e de Benjamin Kline Hunnicutt⁴. Especialmente em relação à jornada de trabalho, partiu-se da hipótese de uma íntima relação entre a não diminuição da jornada de trabalho e o padrão de consumo de massa do pós-guerra, algo que não teria sido previsto por Keynes.

Resultados e Discussão

Keynes acreditava, em 1930, que o desenvolvimento das forças capitalistas possibilitaria à sociedade desenvolvida, nos próximos cem anos, um crescimento de quatro a oito vezes. Quanto maior o crescimento econômico, menor seria a jornada de trabalho até chegar ao patamar mínimo da *good-life*- 15 a 20 horas semanais. A não realização dessas previsões podem ser atribuídas segundo Skidelsky & Skidelsky (2012)⁵ a erros de concepção do autor:

1. Keynes subestimou os efeitos da produtividade sobre o crescimento econômico, provocando um cancelamento

¹ KEYNES, John Maynard. *Economic Possibilities For Our Grandchildren*. In: *Essays in Persuasion*. New York: W.W Norton & Co, 1963

² RUSSELL, Bertrand; LAFARGUE, Paul; DE MASI, Domênico (Coaut. de). *A economia do ócio*. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2001.

³ SCHOR, Juliet. *The Overworked American: the unexpected decline of leisure*. New York: Basic Books, 1992.

⁴ HUNNICUTT, Benjamin Kline. *Work without end: abandoning shorter hours for the right to work*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

⁵ SKIDELSKY, Robert & SKIDELSKY, Edward. (2012). *How Much Is Enough? Money and the Good Life*. New York: New Press.

dos efeitos negativos dos conflitos mundiais e do aumento populacional;

2. Apesar da queda da jornada de trabalho, a redução não é nem próxima à prevista pelo autor. Erros de concepção teórica são apontados por Skidelsky et. al, como a consideração de um *trade-off* entre fonte de renda, trabalho e lazer. A utilidade marginal da renda decrescente faria com que o homem escolhesse mais lazer a trabalho, o que não se provou na realidade;

3. Talvez pela importância das “necessidades absolutas” à época, Keynes teria ignorado o papel essencial que as “necessidades relativas” teriam quando da superação das “necessidades absolutas” e a capacidade do capitalismo de inflar a concupiscência humana. Especula-se, entretanto, que Keynes teria consciência dessa possibilidade e não a considerou por um possível caráter irônico do texto.

A partir da hipótese de que a “insaciedade” do consumo estaria relacionada à não redução da jornada de trabalho, buscou-se através da obra da socióloga Juliet Schor (1992) entender essa relação. Schor acredita que, nos Estados Unidos, os empecilhos para a redução da jornada estão intimamente ligados à implantação de um consumo de massa no pós-guerra bem como conflitos ideológicos que transformaram o desejo da redução da jornada como algo detestável, ligado às correntes de esquerda. Além disso, o consumismo criou o que a autora chama de *work and spend cycle*, um ciclo vicioso que estimula os indivíduos a trabalharem mais e mais para consumir, aliado à criação de um descontentamento generalizado com a situação material corrente das pessoas

Conclusões

O texto de Keynes abriu um leque de discussões bastante abrangentes no meio acadêmico. A sua importância não pode ser negligenciada, já que o mesmo inspirou e inspira obras e discussões, mesmo depois de mais de 80 anos de sua publicação e porque foi possível perceber que as expectativas de Keynes em relação à redução da jornada de trabalho para os 100 anos à frente não eram descoladas da realidade e potencialidade do sistema capitalista, assim como consideraram outros autores de correntes ideológicas distintas. Entretanto, como a história foi capaz de provar, interesses poderosos e conflitantes foram capazes de mudar o rumo da “promessa” do progresso técnico e criar “necessidades” que continuaram prendendo o ser humano ao seu eterno problema econômico.

Agradecimentos

Ao CNPq por financiar esse projeto;

À Pró-Reitoria de Pesquisa da Unicamp por indicar esse trabalho para apresentação.

